

TUDO COMEÇOU HÁ MUITOS ANOS, a 11 de setembro de 1973, às sete da manhã, na biblioteca da casa de campo de Antonio Narváez, ginecologista de reconhecido prestígio e nos tempos livres mecenas das Belas-Artes. Diante dos meus olhos avermelhados pelo sono, umas vinte pessoas esparramavam-se pelos sofás e pelos tapetes! Todos tinham bebido e discutido até à saciedade naquela noite! Todos se tinham rido e tinham feito projetos e tinham dançado até à saciedade naquela noite interminável! Menos eu. Então, às sete ou às oito da manhã, a pedido do anfitrião e da sua mulher, subi para uma cadeira e comecei a recitar um poema para levantar os ânimos e fazer tempo enquanto se aquecia o café, um café de qualidade excepcional que Antonio Narváez conseguia no mercado negro e que, para compor o corpo, ele servia com um bocado de pisco ou de whisky, como ato prévio ao abrir das cortinas e a deixar entrar os primeiros raios do sol que já despontava sobre a cordilheira dos Andes.

Bom, subi para a cadeira e os donos da casa pediram um minuto de silêncio! Era a minha especialidade. O motivo pelo qual me convidavam para as festas. Perante um auditório composto por caras conhecidas que trabalhavam ou estudavam na Universidade de Concepción, rostos encontrados em sessões de cinema ou de teatro, ou vistos em anteriores reuniões campestres naquele mesmo lugar, nos encontros literários que o doutor Narváez gostava de organizar, recitei, de cor, um dos melhores poemas de Nicanor Parra. A minha voz tremia. As minhas mãos, ao gesticular, tremiam. Mas ainda continuo a acreditar que era um bom poema, embora naquela altura tenha sido recebido com beneplácito por uns e com manifesta reprovação por outros. Lembro-me de que ao subir para a cadeira me apercebi de que naquela noite eu também tinha bebido que nem um louco. A cadeira era de madeira de araucária e dali de cima o chão, os arabescos do tapete pareciam infinitamente distantes.

Devia ir pelo décimo quinto verso quando uma rapariga e dois rapazes apareceram pela porta da cozinha e deram a notícia. A rádio informava que estava a perpetrar-se um golpe militar em Santiago. *Blitzkrieg* ou *Anschluss*, que importância tinha, o exército do Chile estava em marcha.

Foi uma coisa que bastou dizer para se iniciar a debandada, primeiro para a cozinha e depois para a porta da rua, como se todos tivessem enlouquecido de repente. Recordo que no meio da dispersão alguém gritou para eu me calar, pelo que deduzo que eu continuava a declamar. Lembro-me de insultos, ameaças, exclamações de incredulidade, de rostos que passavam da heroicidade mais sublime ao espanto, alternadamente, tudo revolto e inacabado, enquanto eu gaguejava enredado com um verso e olhava para todos os cantos, o último a perceber o que se abatia sobre a República.

A minha cadeira, perante a avalanche de gente que saía disparada, oscilou e eu caí de bruços no chão. A pancada foi seca e indolor. Semi-inconsciente, pensei que nunca mais desmaiava.
Depois ficou tudo preto.

Roberto Bolaño, *Sepulcros de Cowboys*. [Quetzal. 14 de setembro]